

# Mogy-Guassu ou Mojiguaçu?

Para "TAPEJARA"

Faz uns dez anos que um consulente morador em Mojiguaçu (São Paulo) me escreve de quando em quando, e duas vezes acerca da grafia do nome da terra em que reside. Agora veio, pela terceira vez, "queixar-se" de que leu na "Fôlha da Manhã" de São Paulo, edições de 11 e 12 de Março do corrente ano (1954), um ensinamento contrário ao meu, pois o signatário dos artigos quer que se escreva "Mogi-Guassu".

Não se incomode o meu prezado consulente. O referido articulista já tem escrito várias vezes sobre essa grafia, salientando-se pelos "argumentos" o que disse na referida folha em 25 de Julho de 1948. A todos os seus escritos lhe respondi, pois estudo o tupi e o guarani há mais de vinte anos, e, sempre que me surge alguma dificuldade na escrita de vocábulos oriundos dessas línguas, entendo-me com o eminente catedrático Plínio Airosa, que as ensina com brilho na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Se o articulista de que me fala defende hoje os "ss" em vocábulos de proveniência indígena, é porque repudiou o que ensinava anteriormente. Aqui está diante de minha vista um artigo por ele publicado em "O Estado de São Paulo", a 2 de Novembro de 1941, sob a epígrafe "O Tupi-Guarani e o Português no Brasil", onde há esta afirmação: "Na morfologia o único vestígio do tupi-guarani está na formação híbrida do aumentativo e do diminutivo, por meio dos adjectivos "GUAÇU" e "AÇU", QUASE SEMPRE ERRADAMENTE ESCRITOS "ASSU" "GUASSU", "mirim" e "im": mandão-açu, tatu-guaçu, mandão-mirim, itaim." Três anos depois ensinava isto na "Gramática Normativa", edição de 1944, à pág. 212: "Apenas poderíamos lembrar a formação híbrida do aumentativo e do diminutivo, recorrendo-se aos adjectivos tupis: GUAÇU, AÇU (ERRADAMENTE ESCRITOS GUASSU, ASSU) e mirim, im: mandão-guaçu, mandão-mirim (mandãozinho, mandãozinho)." Dois anos após escrevia nos "Estudos de Filologia Portuguesa", edição de 1946, pág. 74: "O grau aumentativo era indicado pela palavra AÇU, GUAÇU, e o diminutivo por mirim, im: Pará igual rio; Paraguauçu igual rio grande;..." E na pág. 306: "Conservamos apenas os adjectivos GUAÇU e mirim como formadores de aumentativo e diminutivo tatu-guaçu tatu-mirim (tatuão, tatuãozinho)."

## PIRAÇUNUNGA e PAIÇANDU.

A respeito dessa incongruência longo artigo fiz estampar no "Jornal do Comércio" de 10 de Setembro de 1950, número que o meu distinto consulente deve ter guardado em sua coleção. Nele fiz a demonstração científica de que "Piraçununga" e "Paiçandu" só se escrevem correctamente com "ç". Quanto a "Piraçununga", eu já havia escrito na "Folha da Noite", de São Paulo, edição de 3 de Janeiro de 1949.

"Paiçandu" é (disse eu) o nome da bela e progressista capital da costa do rio Uruguai, célebre na História do Brasil por haver sido cercada em 1864 pelo marechal brasileiro José Propício Mena Barreto, que, com 5.711 homens, enfrentou um exército de 100.000 e, depois dum tiroteio que durou 52 horas, tomou a praça e aprisionou toda a guarnição, terminando assim a campanha do Uruguai.

Não sei se o meu caro consultante já adquiriu a obra que lhe recomendei — "El Guarani — Elementos de Gramática Guarani y Vocabulario de las Voces mas Importantes de Este Idioma" de Saturnino Muniagurria (Buenos Aires, 1947); se já o possui, veja isto na pág. 5: "Las consonantes que se usan en guarani son las siguientes: b, c, d, g, h, m, n, ñ, p, q, r, t, y, z." Não há "s". Da letra "R" do seu vocabulário ele passa à letra "T". Nem uma única palavra existe nele terminada em "sú", e sim em "zú"; acanguazú guazú, amanguiruzú, ambaibuzú, apicazú, caraiguazú, curuzú, cuzú, ibiperuzú, iguazú, iriguazú, itacuruzú, mezú, piguazú, piruzú, piaguazú, poguazú, quezú, riguazú, tabazú, tunguzú, uruguazú, etc. Isso é o que se vê no seu vocabulário, onde se lê também, à pág. 163, a palavra PAI-ZANDU, que ele diz originar-se de "pai", fraile, e "zandú", ceceoso ou tartamudo. PAIÇANDU é, pois, o fra-de ceceoso ou tartamudo.

Há em Montevidéu um grande filólogo, Adolfo Berro García, que propôs para étimo de "Paiçandu", antes de Saturnino Muniagurria, a forma "Ipaú-zandú" (ipaú, ilha; zandú, tartamudo). Note-se que o último elemento, para os dois etimólogos, começa por "z", equivalente ao "ç" português.

## CITAÇÕES FALSAS.

O que mais é de indignar a qualquer leitor é a ignominiosa desfaçatez com que certos articulistas, para imporem a sua opinião, não trepidam em citar erradamente os autores de que se valem. Quero dizer: não lhes sendo possível o apoiarem-se em autoridades que lhes dêem razão, deturpam o que essas escreveram e falsamente citam o que não se acha em seus livros. Assim, afirmam os tais que o padre Anchieta não empregava o "j" em palavras tupis, e que o padre Montoya não usava "ç" nesse caso. Nada mais inverídico. O padre Anchieta, na sua "Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil", escreve no verso da fl. 5 "jara" e "j'ara" e preceitua: "Seguindo-se a. o. u. não

sendo relativo sempre é consoante, vt jára, jógua, dissyllabos, jú, monosyllabo." E no princípio da fl. 6, referindo-se ao "y": — "... se confunde saepissime com "i", jota, & cada hum o pronuncia mais portuguez, ou castelhano como quer vt já, ya, &." (Transcrito ipsis litteris da edição de 1595.)

O padre Montoya ensina em sua "Arte de la Lengua Guarani" que nesse idioma faltam as letras f, i, k, l, rr, s, v consoante, x e z; e acrescenta: "Por S usan C lena." (Pág. 93.) Ele emprega o "g" antes de "e" ou "i" como gutural.

No seu "Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani" (ed. de 1876) registra na coluna 294: "Grande, ancho, Guaçu." Nas colunas 127 v. e 128: "Guaçu, venado, sus especies son: Guaçu abará, del monte. Guaçu añuru, venado de pescueço negro. Guaçu ará, onça. Guaçu atí, cuervo de venado." Etc.

Além desses mestres supremos, outros há de grande nomeada, assim antigos que modernos, que reconhecem haver no tupi e no guarani o "c" ou "ç" e o "j", e não o "s" ou "ss" nem o "g" palatal.

Passemos revista aos seguintes:

Pedro Luís Symphon, que só emprega "s" em vez de "ç" em princípio de palavra, como em "sapocaia" por "çapocaia". ("Gramática da Língua Brasileira (Brasilica, Tupi ou Nheengatu)", pág. 135. — "Os aumentativos e diminutivos também se formam por meio de sinais, sendo uau e reté para o aumentativo; ex.: Curumi-uau, rapagão. Iaquaima-reté, toleirão." (4ª edição.)

Gonçalves Dias escreveu no "Dicionário da Língua Tupi" (edição de 1858): "Todos os nomes que começam por "ç", quando são relativos, conservam o mesmo." E inseriu não menos de cento e noventa e sete palavras com "ç". Amiúde se deparam na sua obra vocábulos terminados em "açu" e "guaçu". O dicionário não arrola palavras começadas por "s": da letra "R" se passa ao "T".

Baptista Caetano também não insere no seu "Vocabulário" nem uma só palavra indígena com "s" ou "ss".

O Dr. Antônio Joaquim de Macedo Soares, que é, no conceito de João Ribeiro, "o filólogo americanista de maior valor que possuímos", assevera que o alfabeto

guarani não tem "f" nem "s" sibilante. (Vejam-se os seus "Estudos Lexicográficos do Dialecto Brasileiro", feitos de 1874 a 1890 e publicados na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" em 1942, vol. 177, pág. 227, n. 34.)

Esse grande americanista provou que nas línguas indígenas existe o "j" e acedeu isto: "Como cada nação se há-de servir do seu alfabeto, não podemos traduzir correctamente senão pelo "j" o som da primeira letra de jabuti, jaburu, jacá, jacamim, jacaré, jacu, jaguar, jamundá igual a Nhamundá igual a Yamundá (rio), japu igual a yapu, jacaratá, jararaca, jatibá, jati, jatobá, jerimum, jequi, jequici, jequiá, jequitibá, jicara, jopía, juruti..." (Op. cit., pág. 98.)

E o notável professor Daltro Santos, muitos anos depois, veio a navegar nas mesmas águas, dizendo: "Nem outra orientação convém seguir no que concerne aos nomes de procedência indígena, em os quais se devem grafar uniformemente com "j" os sons "jê" e "ji", visto como dimanam do mesmo "y" consonantal (yod). Este encontra-se transliterado em "j" antes de "a", "o", "u"; e, pois, não há razão para que se mude em "g" antes de "e" e "i". (Seguem-se duas listas de vocábulos procedentes do tupi-guarani, dos quais trinta e dois são grafados com "j" antes de "e" e de "i".) Confira-se a "Fundamentação da Grafia Simplificada", 2ª edição, págs. 115-117. Veja-se também o que diz João Ribeiro sub voc. "jibóia" no "Dicionário Enciclopédico", ed. de 1926.

Não quero ir por diante, porque muito hei escrito para demonstrar que em palavras de origem tupi ou guarani devemos escrever sempre "j" em lugar de "g", "u" ou "ç" em vez de "s" ou "ss". Com "j", e não com "g"; com "c" ou "ç", e não com "s" ou "ss" (excepto "ç" no início) registrei os topónimos indígenas na obra "Divisão Territorial do Brasil" do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e pronto estou a responder a qualquer objecção que surja quanto a essas grafias quer no território nacional, quer fora dele.

Note o consulente que tem não menos de quatro erros a escrita "Mogy-Guassu", que ainda aparece aqui e ali; e cinco erros contém a que me enviou em recorte de jornal dessa zona. O topónimo não deve escrever-se com "g", nem com "y", nem com hífen, nem com "ss", nem com acento no "u". A forma correcta, verdadeira, legítima e única é MOJIGUAÇU. Escreva-a sempre com "j", com "i", sem hífen, com "ç" e sem acento gráfico.

JOSÉ DE SÁ NUNES.